

CAPOEIRA E ARTE: diálogos educativos em sintonia

Flávio Lourenço
Peixoto Lima¹

A capoeira, devido ao seu vínculo com a cultura afro, coloca-nos em contato com um conhecimento menos pragmático. A sua aproximação com a arte não apenas nos permite estudá-la como uma representação subjetiva, mas pensá-la como realidade dialógica, que coloca corpo-mente em sintonia. Por esse princípio, tanto uma quanto a outra apresentam elementos complexos que favorecem a educação, na medida em que comunicam linguagens.



[1] Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1994) e em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2005). Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz. Desenvolve estudos com enfoque no diálogo entre Literatura, Educação, Filosofia e Linguagem.
E-mail: flavio@uesc.br

A capoeira e a arte, dentro desse entendimento, podem ser tomadas como formas de educar, uma vez que permitem a manifestação de linguagens em diferentes perspectivas. Daí que essas manifestações culturais, por suas características plásticas, criam imagens significativas que acabam interferindo e alargando a realidade daquele que as pratica.

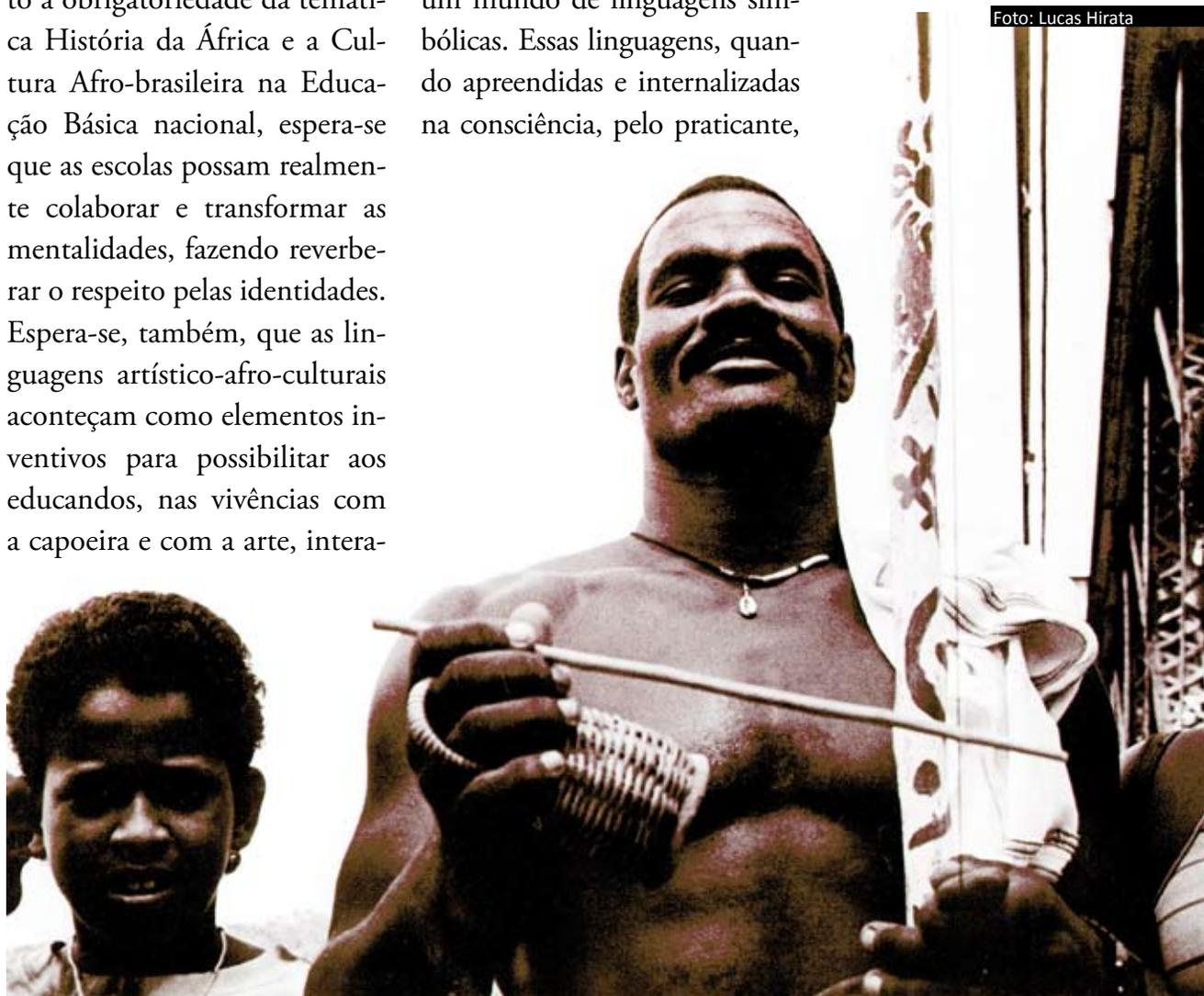
Com a Lei 10.639/2003, que estabelece diretrizes quanto à obrigatoriedade da temática História da África e a Cultura Afro-brasileira na Educação Básica nacional, espera-se que as escolas possam realmente colaborar e transformar as mentalidades, fazendo reverberar o respeito pelas identidades. Espera-se, também, que as linguagens artístico-afro-culturais aconteçam como elementos inventivos para possibilitar aos educandos, nas vivências com a capoeira e com a arte, intera-

gir com campos de escutas, de imagens, de diálogos e de aceitação de alteridades.

Essa pluralidade de imagens nos faz pensar os movimentos atinentes à prática da capoeira, comunicando, aos olhos, a plenitude de um espaço cultural complexo em formas, gestos, músicas, sentidos que deslocam o capoeira para uma certa invisibilidade emotiva que o faz, inconscientemente, colocar seu corpo em contato com um mundo de linguagens simbólicas. Essas linguagens, quando apreendidas e internalizadas na consciência, pelo praticante,

favorecem o processo educativo, por permitir ao imaginário a inventividade de práticas sociais e deixar em um plano secundário as rotinas da vida domesticada.

Essa compreensão também pode ser estendida ao processo de entendimento da arte. Arte implica celebração do olhar humano sobre as formas, cores e movimentos atualizados e incorporados no mundo da vida. Arte implica também emotividade e presença de imagens



múltiplas, fazendo-nos partícipes do mistério vivo da realidade. Daí a arte romper com discursos autoritários e normas estereotipadas, tornando o real mais leve e autêntico.

Nesse contexto, capoeira e arte mostram-se como realidades necessárias a qualquer procedimento metodológico que quer pensar a educação como espaço apropriado para práticas autênticas. Por isso a capoeira e a arte educam. Educam, porém, não para uma individualidade egocêntrica e dividida. Educam não para tornar o educando refém de um pensamento domesticado e engajado no domínio ilimitado de uma razão subserviente. Educam e formam o indivíduo, sim, muito mais para a compreensão e o significado da estética corporal e para o silêncio do mundo. Educam para uma comunicação original, configurando na alma do educando, através de imagens e cânticos, uma comunicação com uma outra realidade mais desconhecida e indizível. É essa compreensão que nós, enquanto educadores, temos que ter.

Na roda de capoeira, a música, de alguma forma, aprofunda os praticantes em um mundo sugestivo e indefinido, pos-

sibilitando que o aluno entre em contato com uma outra existência menos opressora. O cântico, em harmonia com os sons do berimbau, cria sentidos e sentimentos emaranhados em linguagens simbólicas, não compreensíveis à apreensão intelectual. O berimbau, instrumento fundamental na cultura afro-baiana, aperfeiçoa uma plasticidade rítmica, que proporciona aos praticantes da roda de capoeira uma espécie de leveza, fazendo com que a vida seja mais aceitável.

A roda de capoeira faz emergir sentidos que ultrapassam a realidade racional e encontram, na expressão da arte, uma harmonia poética que deveria ser trabalhada na escola. Assim, diante da arte e no bojo da ro-

da de capoeira, a consciência do aluno praticante sofre influências diversas que o fazem coabitar com uma totalidade primordial. A capoeira e a arte, nesse ínterim, sustentam expressões incomunicáveis. A primeira por gerar expressões corporais como forma de dialogar com aspectos da identidade negra. A segunda, por fazer do desconhecido um fluxo imaginativo, que procura colocar, no painel da vida humana, uma liberdade menos aprisionada. Uma liberdade de paixões e de impulsos em torno daquilo que, de alguma forma, está ausente no próprio aluno.

Diante desses aspectos, a capoeira e a arte aprofundam o pensar da condição humana, tornando-nos melhores e mais



Foto: Aleph Ozuas

leves, afetando os nossos conceitos de beleza, de religiosidade, de sociedade, de equilíbrio e de existência. Tais conceitos são fundamentais para o processo de formação educativa, pensando a educação enquanto território de espiritualidade, que procura minimizar a ambivalência ideológica do mundo, na medida em que passamos a viver sentimentos unos e primordiais.

Essas experiências desfrutadas pelo indivíduo o tornam mais aproximado e leve para o entendimento do mundo. Essas experiências também, quando sensorizadas, materializam ações através de atitudes de respeitabilidade, dialogicidade, inclusão e alteridade, tornando o corpo espaço de contato com o simbólico. Por esse princípio, o indivíduo se educa, trazendo para sua vivência a presença do que lhe falta.

Essas realidades, vividas e internalizadas, tanto no ambiente escolar como em outras esferas, podem estimular os praticantes de capoeira e os artistas a revisitarem o corpo para, dessa maneira, torná-lo mais sensível à unidade substancial da vida. É necessário que a escola compreenda e enfatize que um corpo – e não apenas a mente – comprometido com a educação, de-

A capoeira e a arte, dentro desse entendimento, podem ser tomadas como formas de educar, uma vez que permitem a manifestação de linguagens em diferentes perspectivas.

ve se movimentar na existência concreta dos olhares, materializando e reinventando sentidos novos, realizados sempre no plano de uma liberdade espontânea e alongada.

Desse modo, o corpo do capoeira encontra diálogo na arte e pode, com isso, celebrar o fenômeno educativo. Esse corpo, fonte inesgotável de sentidos e de arte, quando integralmente imaginado, exprime, assim, o inexprimível. É dessa compreensão que a escola necessita.

Esse é o pensamento, portanto, de como concebemos a relação capoeira, arte e educa-

ção, enquanto realidades plásticas. É inevitável compreendermos que a autonomia do corpo não deve estar corrompida com a necessidade emergente do viver. A formação educativa do ser humano não pode prescindir a autonomia corporal que, na circularidade da experiência vivida, encontra a própria liberdade de movimento e sentido.

REFERÊNCIA

SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Mestre Bimba e mestre Pastinha: a capoeira em dois estilos. In: *Artes do corpo*. São Paulo: Selo Negro, 2004. (Memória afro-brasileira; v. 2)